

EIXO BIMESTRAL:
**CONTO E ROMANCE NO REALISMO E NATURALISMO / ARTIGO
DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA**

TUTOR (A): DÉBORA BORGES LIMA
CURSISTA: ELAINE DA SILVA LEITE
GRUPO: 05

TEXTO GERADOR I

Aluísio Azevedo é considerado o mais importante escritor naturalista do Brasil. Em 1890 publica “O Cortiço”, que pode ser considerada a obra-prima de seu autor. Trata-se de uma obra que fixa, com precisão documental e vivacidade descritiva, o cotidiano dos personagens coletivos do Rio de Janeiro em crescimento, marcado pela pobreza, pelas aglomerações urbanas, nas quais trabalho e lazer se confundem, tanto quanto mulatos, negros e imigrantes.

No trecho abaixo, a caracterização de João Romão, seu relacionamento com Bertoleza, uma escrava fugida e que revela o desejo dele de enriquecer a qualquer custo, servirá de base para este gerador.

Capítulo I

João Romão foi, dos treze aos vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma suja e obscura taverna nos refolhos do bairro do Botafogo; e tanto economizou do pouco que ganhara nessa dúzia de anos, que, ao retirar-se o patrão para a terra, lhe deixou, em pagamento de ordenados vencidos, nem só a venda com o que estava dentro, como ainda um conto e quinhentos em dinheiro.

Proprietário e estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo travesseiro de um saco de estopa cheio de palha. A comida arranjava-lha, mediante quatrocentos réis por dia, uma quitandeira sua vizinha, a Bertoleza, crioula trintona, escrava de um velho cego residente em Juiz de Fora e amigada com um português que tinha uma carroça de mão e fazia fretes na cidade.

Bertoleza também trabalhava forte; a sua quitanda era a mais bem afreguesada do bairro. [...] Um dia, porém, o seu homem, depois de correr meia légua, puxando uma carga superior às suas forças, caiu morto na rua, ao lado da carroça, estrompado como uma besta.

João Romão mostrou grande interesse por esta desgraça, fez-se até participante direto dos sofrimentos da vizinha, e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras. [...] E segredou-lhe então o que tinha juntado para a sua liberdade e acabou pedindo ao vendeiro que lhe guardasse as economias, porque já de certa vez fora roubada por gatunos que lhe entraram na quitanda pelos fundos.

Daí em diante, João Romão tornou-se o caixa, o procurador e o conselheiro da crioula. No fim de pouco tempo era ele quem tomava conta de tudo que ela produzia e era também quem punha e dispunha de seus pecúlios, e quem se encarregava de remeter ao senhor os vinte mil-réis mensais. Abriu-lhe uma conta corrente, e a quitandeira, quando precisava de dinheiro para qualquer coisa, dava um pulo até à venda e recebia-o das mãos do vendeiro, de “Seu João”, como ela dizia. [...]

E por tal forma foi o taverneiro ganhando confiança no espírito da mulher, que esta afinal nada mais resolvia só por si, e aceitava dele, cegamente, todo e qualquer arbítrio. [...]

Quando deram fé estavam amigados.

Ele propôs-lhe morarem juntos e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua.

João Romão comprou então, com as economias da amiga, alguns palmos de terreno ao lado esquerdo da venda, e levantou uma casinha de duas portas, dividida ao meio paralelamente à rua, sendo a parte da frente destinada à quitanda e a do fundo para um dormitório que se arranjou com os cacarecos de Bertoleza. [...]

AZEVEDO, Aluísio. O Cortiço. 26. Ed. São Paulo: Ática, 1994. P.15-16. (Fragmento).

[TRECHO REMOVIDO]

QUESTÃO 4

Os conectores discursivos são considerados elementos de fundamental importância na organização textual, eles atribuem sentido à relação que estabelecem e são recursos essenciais para o direcionamento discursivo. Partindo do pressuposto de que todo texto é dotado de intencionalidades, verifica-se que a ação, principalmente das conjunções, na apresentação dos argumentos assimiláveis são repletos semanticamente de desejos e percepções.

Com base no que foi dito, releia o trecho abaixo e explique o papel argumentativo dos conectivos destacados.

“...tanto economizou do pouco que ganhara nessa dúzia de anos, que, ao retirar-se o patrão para a terra, lhe deixou, em pagamento de ordenados vencidos, **nem só** a venda com o que estava dentro, **como ainda** um conto e quinhentos em dinheiro.”

Habilidade trabalhada: Identificar o papel argumentativo dos conectores discursivos.

Resposta comentada

Os conectores discursivos contribuem para a coesão do texto, ou seja, para a boa articulação das ideias que o compõem, contribuindo para a facilitação da compreensão textual e direcionando este procedimento, conforme o interesse de seu construtor. Entretanto, faz-se necessário destacar a grande importância desses elementos para a força argumentativa do texto assim como, o modo como elas podem persuadir o interlocutor.

As duas ocorrências dos conectivos destacados introduzem um ato de asserção, aparentemente apenas acrescentando algo ao anterior, mas que, na verdade, organizam uma escala argumentativa na qual os argumentos não são apenas justapostos, mas se intensificam.

Esses argumentos fazem parte de uma mesma classe argumentativa, isto é, somam argumentos a favor de uma mesma conclusão: João Romão atirou-se ainda com mais ardor à labutação com a intenção de enriquecer a qualquer custo.

[TRECHO REMOVIDO]

TEXTO GERADOR II

O Texto Gerador III é parte de um artigo de divulgação científica que, destina-se à exposição de pesquisas, procedimentos e descobertas da ciência. Um dos grandes objetivos desses artigos é disseminar o conhecimento para um público mais amplo e diversificado. Por isso, é necessário se valer de uma linguagem coloquial, no intuito de se estabelecer um diálogo com leitores não cientistas.

A SINGULARIDADE DO RACISMO NO BRASIL

A história das ideias racistas

Para interpretar as relações raciais no Brasil, temos que entender o contexto social, cultural e intelectual no qual as ideias brasileiras sobre as raças emergiram e disseminaram.

Segundo, (NOGUEIRA, 2002, p.13) entre os séculos XIX e XX, na sociedade brasileira, o racismo nasce e se consolida como um dos instrumentos mais eficazes de regulamentação e controle das formas de convivência e das inúmeras relações humanas. Aqui o racismo se conformou como ideologia e se materializou na cultura, determinando comportamentos e valores de uma forma inusitada nas organizações e nos indivíduos. É um caso ímpar no mundo.

É importante destacar que o século XIX, foi o século que se dá o fortalecimento e a consolidação das ideologias científicas racistas. O pensamento desenvolvido neste período foi fortemente marcado pelo positivismo científico. (SILVA in NASCIMENTO, p.16).

Desde os anos de 1860, o Brasil já estava em processo de gestação de uma ciência, conhecida como a ciência das raças. Mas foi a partir dos finais do século XIX e início do século XX que as teses elaboradas pelo cientista Paul Broca, anatomista e antropólogo francês vão abrir espaços para a discussão sobre a classificação das raças. Broca criou uma teoria científica que tinha como premissa explicar as desigualdades entre as raças. Para tanto, construíram hierarquias raciais, cujas bases eram a superioridade da raça branca e a inferioridade das raças de cor (negros e mestiços). (NOGUEIRA, 2002, p. 57)

Broca e outros cientistas como Houston S. Chamberlain (divulgador do ideário racista na Alemanha) e George Vacher de Lapouge (teórico da eugenia – teoria da pureza racial), valendo-se das teses darwinistas, empenharam-se na elaboração da tese de hierarquização, desenvolvendo teorias que promoveram o convencimento sobre a inferioridade dos povos que não tinham a pele da cor branca, destacando a negatividade da mestiçagem. (TELLES, 2003, p.48).

Foi neste contexto que a discussão sobre a superioridade e inferioridade das raças ganhou força no Brasil. O cientista brasileiro João Batista Lacerda, professor do curso de Antropologia Física no Museu Nacional, juntamente com os pesquisadores interessados em morfologia e classificação indígena, sistematizaram estudos sobre as raças. Nesses estudos encontraram argumentos para contornar a visão negativa sobre a mistura das raças, pois havia uma preocupação da elite com a aparente alta taxa de miscigenação e com os conflitos raciais existentes. Inventaram, então, a tese do branqueamento, na qual presumiram que a seleção natural e social, inspirada no darwinismo social, levaria ao desaparecimento progressivo do índio e do negro e assim teríamos uma nação ou um povo limpo das características negativas atribuídas a esses grupos. (NOGUEIRA, 2002, P.58).

O racismo no Brasil surgiu e permaneceu fundamentado em teorias científicas que se propuseram a explicar que as desigualdades entre os seres humanos estão nas diferenças biológicas, na natureza e na constituição do ser. Mas foi no sistema escravista que encontraram condições propícias para sua aplicação, pois estas justificavam a escravização dos povos africanos. É nesse período que o racismo se torna expressão conjugada do preconceito de cor: negro = inferior e o preconceito de classe: negro = pobre. (SANT' ANA In MUNANGA, 2005, p. 48-49).

[...]

A história do Brasil, contada do ponto de vista europeu, destaca apenas heróis brancos, princesas beneméritas dotadas de compaixão e reis bem intencionados que libertam a pátria e resgatam seus cidadãos, porém, entre estes não inclui os outros povos (índios e negros) que aqui também estavam.

[...]

O racismo tornou-se uma ideologia, fruto da ciência europeia a serviço da dominação. Essa ideologia racista ganha força a partir da escravidão negra, adquirindo estatuto de teoria após a revolução industrial. (SANT' ANA In MUNANGA, 2005, p.42).

A história do negro no Brasil começa e se encerra na escravidão. O sistema escravista termina, mas a exclusão do negro não. Ele permanece na senzala, aparentemente fora do cenário social, mas estão lá, envolvidos numa forma silenciosa de segregação racial, excluído do processo de desenvolvimento social, econômico, cultural e político do país.

Toda essa perversa construção de ideologias e práticas implantadas pelas elites, fincou as raízes do racismo na cultura brasileira, povoando o imaginário social de preconceito racial, que se manifesta de forma velada, escondendo por trás do mito da democracia racial o tratamento desigual destinado para as populações negras.

Deste modo, a singularidade do racismo no Brasil se apresenta na maneira do povo se comportar. O brasileiro não se percebe e/ ou não se assume racista.

Diante destes dados históricos e científicos acredita-se que já é possível compreender os motivos da existência do racismo, do preconceito, da discriminação de uma forma tão especial contra o povo negro.

Edna Aparecida Coqueiro, educadora e jornalista.

(In: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1838-8.pdf>. Fragmento adaptado)

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 6

Releia o Artigo Científico dado, atentando para os nomes dos cientistas citados. Considerando a orientação argumentativa do artigo, de que modo a citação de nomes de cientistas contribuiu para o processo argumentativo que faz a autora do artigo?

Habilidade trabalhada: Reconhecer os recursos linguísticos de escolha vocabular e citação de fontes como tipos de argumentos, para artigo científico.

Resposta comentada

Edna Aparecida, ao citar os autores, deixa claro que seus argumentos são fruto de pesquisa e leitura. Seu leitor saberá que autores se posicionaram a favor ou contra. Ao citar fontes, a autora confere fidedignidade ao seu artigo. Além disso, tal procedimento corrobora a tese defendida em seu texto.

[TRECHO REMOVIDO]

Palavras-chave: Naturalismo – conectores discursivos – artigo de divulgação científica - tipos de argumento

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABAURRE**, Maria Luiza M., **ABAURRE**, Maria Bernadete M. & **PONTARA** Marcela. Português: contexto, interlocução e sentido. Volume 2. São Paulo: Moderna, 2008.
- CEREJA**, William Roberto & **MAGALHÃES**, Thereza Cochar. Português linguagens: volume 2. 7. ed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.
- BARRETO**, Ricardo Gonçalves. Coleção Ser Protagonista. 2º Ano: Ensino Médio. 1. ed. – São Paulo: Edições SM, 2010.
- FUNDAÇÃO CECIERJ**. Formação Continuada em Língua Portuguesa. Orientações Pedagógicas – 2º Bimestre da 2ª Série do Ensino Médio: 2º Ciclo.
- FUNDAÇÃO CECIERJ**. Formação Continuada em Língua Portuguesa. Roteiro de Atividades do Professor– 2º Bimestre da 2ª Série do Ensino Médio: 2º Ciclo.
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1838-8.pdf>.

Registro dos resultados pedagógicos decorrente da implementação do Roteiro de Atividades

A implementação do RA seguiu conforme o esperado, os alunos responderam as questões com desenvoltura e sem grandes dificuldades. Notei que o rendimento tem crescido e as atividades não causam mais estranheza como antes, porque, antigamente, havia um certo desconforto com o tamanho dos textos, das questões e complexidade das respostas. Hoje, percebo que há um comportamento diferente e muito mais receptivo.

Não houve necessidade de fazer alteração no RA, a não ser a questão de Produção Textual que foi feita em grupo, pois os alunos tiveram muita dificuldade em desenvolvê-la, provavelmente, pelo “velho” problema que encontramos em sala de aula: falta de conhecimento prévio sobre o assunto por não terem o hábito de ler. Mas, a partir do momento que a atividade foi feita em grupo e discutida em sala de aula o rendimento melhorou e o interesse também.

E assim, vamos caminhando, construindo e desconstruindo para alcançarmos o bem maior do ser humano: o conhecimento.